

O estigma direcionado à mulher e à natureza em diferentes fases do patriarcado¹

The stigma directed at women and environment in different phases of patriarchy

*Katia Antonia Ferreira Rosa²
Pedro Antônio Freire³*

Resumo: Este artigo surge da constatação de uma recorrente crise na representatividade feminina e como isso se correlaciona com a preservação do meio ambiente. O objetivo principal é apresentar alguns aspectos históricos de interpretações voltadas para a manutenção dos privilégios oriundos do patriarcalismo, mesmo quando ela coloca em questão os dogmas estipulados pela própria tradição judaico-cristã. Há um vasto campo de entendimento acerca do papel da mulher e da natureza, desde os primórdios daquilo que se concebe como civilização. Isso ganha maior tensão com as religiões monoteístas e continua bastante atual, mesmo com a mudança de determinados paradigmas socioeconômicos. A metodologia deste artigo é a pesquisa bibliográfica, valendo-se de estudos e situações que demonstrem a necessidade de uma crítica mais enfática ao modelo hegemônico vigente. Como resultado, espera-se frente ao aumento exponencial de feminicídios e

Recebido em 30 de junho de 2025
Aceito em 08 de dezembro de 2025

¹ Este artigo distende-se de um trabalho de conclusão de curso que se pretende na forma de Tese de Doutorado com, por ora, o título: Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil: a não ordenação de mulheres, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

² Doutora em Ciências das Religiões e Mestre pela Faculdade Unida de Vitória. Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Serra. E-mail: katia.rosa@ufes.br.

³ Doutor em Letras com Graduação e Mestrado pela Universidade Federal do Espírito Santo. Ensaísta, revisor de texto e oficinheiro em escrita criativa. E-mail: pedrantoniofreire@gmail.com.

ao iminente colapso climático um enfrentamento mais efetivo por parte de toda sociedade.

Palavras-chave: sociedade; religião; misoginia, meio ambiente; representatividade.

Abstract: This article arises from the observation of a recurring crisis in female representation and how this correlates with environmental preservation. The main objective is to present some historical aspects of interpretations aimed at maintaining the privileges derived from patriarchy, even when it questions the dogmas established by the Judeo-Christian tradition itself. There is a vast field of understanding regarding the role of women and nature, dating back to the dawn of what is conceived as civilization. This gains greater tension with monotheistic religions and remains highly relevant, even with the shift in certain socioeconomic paradigms. The methodology of this article is bibliographic research, drawing on studies and situations that demonstrate the need for a more emphatic critique of the current hegemonic model. As a result, in the face of the exponential increase in femicides and the imminent climate collapse, a more effective confrontation by society as a whole is expected.

Keywords: Society; religion; misogyny; environment; representation.

Introdução

Recentemente, no Congresso Nacional houve duas audiências no mínimo curiosas: uma, por conta das apostas eletrônicas, vulgo Bets⁴; outra, pela mudança de concessões nas leis ambientais, envolvendo inclusive avanços sistêmicos de riscos à Amazônia brasileira⁵. O que elas têm em comum é o fato de ambas terem como inquiridas duas mulheres autodeclaradas evangélicas: na primeira, uma badalada influencer digital chamada Virgínia Fonseca, por promover às respectivas apostas; na outra, a reconhecida internacionalmente e, por ora, ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, pela pauta que defende. Apresento-as a cargo de realçar o diferente tratamento dispensado pelo pleito a cada uma no que diz respeito ao gênero, à religião e sobretudo às distintas discussões ali postas.

A primeira, por se tratar de uma jovem mulher de fenótipo afeiçãoado com fortuna autodeclarada, aparentemente por divulgação de uma gama de produtos estéticos em redes sociais, e com ampla

⁴ COSTA, Amarilis. A CPI das Bets e o espetáculo da inocência branca. Congresso Em Foco, 2025. [n.p.].

⁵ SANTANA, Luciana. Mulheres, Mansplaining e a Realpolitik no Brasil. Congresso Em Foco, 2025. [n.p.].

popularidade, vide a quantidade de seguidores que possui. Vislumbrando-os como possíveis eleitores, fica fácil entender o porquê do tratamento generosíssimo por parte significativa dos seus inquiridores que ali estavam para questioná-la por conta da divulgação invasiva de jogos eletrônicos frente ao seu incauto público de internet, visto ainda que determinado entretenimento tem comprovadamente colocado um alto número de brasileiros de classes menos abastadas com o respectivo orçamento doméstico ainda mais comprometido⁶. Ainda assim, viu-se em tal circunstância uma deliberada defesa, como se as apostas fossem algo inerente ao próprio sistema econômico, mesmo tendo suas vítimas sido induzidas por meio de um forte marketing e passando essas a verem quem poderia defendê-las mais propenso a atacá-las, como se tudo trata-se meramente de uma questão de livre-arbítrio, tendo o cidadão comum o direito de aceitar ou evitar tais práticas, como se fossem essas iguais a qualquer uma outra, portanto, eximindo a agente da respectiva divulgação de qualquer responsabilidade.⁷

A outra a ser inquirida foi uma mulher nem tão jovem e atraente, trazendo em si traços notórios da miscigenação presente no povo brasileiro e, talvez mesmo por isso, a possuir uma adesão bastante modesta de seguidores em suas redes sociais, apesar de ter como defensora do meio ambiente uma trajetória de pelo menos por 40 anos de vida, obtendo também por parte do mesmo plenário em questão um tratamento bastante distinto do da outra personalidade. Constatou-se no episódio uma grande aversão pelas suas falas, vindo à tona censuras e ofensas que se estendiam desde o seu engajamento sociopolítico a uma ampla manifestação de preconceito étnico e com bastante misoginia. Diferente das abordagens sequiosas apresentadas à outra, Marina Silva teve suas falas amplamente questionadas e até atacadas grosseiramente, como se realmente a luta pelo que pretende defender, o meio ambiente, apresentasse mais interdições socioeconômicas e, inclusive, religiosas do que a encampada pela Virginia Fonseca.⁸

Isso seria ainda muito menos acintoso se uma significativa parte dos políticos ali presentes também não se autodeclarassem como cristãos, sobretudo evangélicos, que têm em vista como sendo uma grave infração a prática da jogatina frente aos seus respectivos

⁶ CAVALCANTI, Guilherme. Bets: Entre 1,8 e 3 milhões apostaram Bolsa Família, e não têm previsão de reaver dinheiro. Agência Pública, 2025. [n.p.].

⁷ COSTA, 2025. [n.p.].

⁸ SANTANA, 2025. [n.p.].

púlpitos.⁹ Assim sendo, elenca-se nesta discussão a contradição posta pelos debatedores políticos em frente às condutas praticadas e defendidas por cada uma das mulheres ali presentes como, para tanto, serem ou não questionadas pelos próprios, quando perante o que se viu o jogo pareceu como algo divino e a natureza, mundana, numa total inversão dos valores litúrgicos. Por isso, pretende-se aqui levar a cabo o argumento de que a natureza, como um todo, se torna vítima dos males semelhantes aos quais estão submetidas as mulheres, por conseguinte, ambas vistas como efêmeras, logo passíveis de aniquilação: uma pelo desmatamento; outra, pelo feminicídio: tudo pela manutenção da tradicional sociedade patriarcal, embora imbuída em um mais que dúbio sistema econômico. Corroborando isso:

Fazendo contraste com essas afinidades, as forças que tentavam “domar a natureza” e “violentar a Terra” eram as da ciência, da tecnologia e da razão, todas as quais eram frutos de projetos masculinos. Há milênios, Aristóteles definiu a racionalidade como masculina; ele pensava que as mulheres eram menos aptas a raciocinar e, por conta disso, menos humanas. Ao longo dos dois milênios que se seguiram, a cultura europeia havia considerado as mulheres como intelectualmente deficientes, e havia tentado dominar a Terra, no que ela seguiu os preceitos da Gênese. Então, as Luzes – outro projeto aparentemente masculino – haviam encontrado novas maneiras de destruir a natureza por meio da ciência, da tecnologia e das usinas. Os autores dessa destruição do meio ambiente foram homens que reduziram a natureza a um conjunto de recursos que eles podiam explorar e transformar em mercadorias.¹⁰

Notório é que até a Revolução Industrial, séc. XVIII, muito se valia, sobretudo com relação ao Hemisfério Sul, da exploração da mão de obra de cunho escravocrata, ainda com enlevos de manufaturas. Chegando àquela e sua posterior automação, a matéria-prima oriunda do plantio e da mineração foi sobrepujada pela alta velocidade de sua produção, vindo a natureza a se tornar um bem de caráter ainda mais extrativista. Isso, sem falar da preponderância dos combustíveis fósseis, vide o aumento da população mundial a requisitar novas

⁹ VASQUEZ, Vítor. Existe mesmo uma bancada evangélica. Congresso Em Foco, 2024. [n.p.].

¹⁰ BIEHL, Janet. A mulher e a natureza: uma mística recorrente. Le Monde Diplomatique Brasil: Ecofeminismo. 2011. [n.p.].

demandas. Daí, tudo que está sobre a terra, de maneira não programável, se tornou um alvo para o sistema financeiro, tanto que, atualmente, a chamada necropolítica é que decide quem, quando, onde e como se nasce ou morre, para que se possa minar ao máximo qualquer resistência à exploração econômica.¹¹

Não obstante a isso, o ideal que subjaz tal percurso se sobressai desde os primórdios da sociedade patriarcal como algo que tende a aceitar o progresso como particularmente uma ruptura com um alvorecer matriarcal, defendido por muitos como uma sociedade caótica, até porque orgiástica e poligâmica, precisando assim de um toque “masculino” para então se organizar frente aos desafios de um processo aclamado como civilizatório¹². Hoje, ainda que tais parâmetros já estejam bastante relativizados, os sistemas monocráticos e monoteístas mantêm determinada convenção, visto que ainda veem os encantos naturalmente femininos como um potente artifício a destronar seu então virtual oponente dos caminhos da razão, entendendo aqueles como um jogo de sedução¹³. Com isso, nem sequer o exclusivo caráter germinativo pertencente à mulher e à natureza pode lhes tirar, frente ao sistema vigente, o caráter de descartáveis, vide o alto índice de desmatamento e de feminicídio tão presente na sociedade contemporânea. Dito isso, daqui para frente este trabalho buscará as origens e as consequências de tal associação.

1. O patriarcado versus a natureza feminina

A origem do patriarcado remete a tempos remotos e possivelmente teve sua consolidação reconhecida com o estabelecimento da linguagem em suas mais variadas manifestações,

^bGALENI, Luís Alfredo. *Necropolítica e agronegócio*. Le Monde Diplomatique Brasil: Meio Ambiente, Edição 215, 2025.

¹² DIOP, Cheikh Anta. *A unidade cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na Antiguidade Clássica*. Ramada: Edições Pedago, 1982. p. 13-14.

¹³ BÍBLIA Sagrada: revista e corrigida. Trad. João Ferreira de Almeida. Várzea Paulista: Casa Publicadora Paulista, 2020. A título de ilustração, o jogo na Bíblia não é diretamente considerado uma infração a não ser por alegoria da ganância e meios de enriquecimento: “Os que querem ficar ricos caem em tentação, em armadilhas e em muitos desejos descontrolados e nocivos, que levam os homens a mergulharem na ruína e na destruição, pois o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males. Algumas pessoas, por cobiçarem o dinheiro, desviaram-se da fé e se atormentaram com muitos sofrimentos” (Timóteo 6:9-10). Assim, ele se equipara aos prazeres mundanos da carne, estes corriqueiramente associados à sedução feminina.

de sensorial, passando pela pictórica, a oral, tendo bem posteriormente com o aparecimento da escrita a validação definitiva de determinados padrões já presentes nas instâncias anteriores da comunicação humana, dentre eles o próprio patriarcado:

[...] o domínio dos homens sobre as mulheres, cuja existência desde os primórdios da espécie é inferida pela comparação com o comportamento de outros primatas não humanos, foi potencializado pelo surgimento da língua e sua capacidade de elaboração ideológica.¹⁴

Resguardada tal constatação, foi mesmo a partir do próprio patriarcado, já durante o século XIX (d.C.), que se chegou a sugerir de maneira mais incisiva que na sua pré-história tenha ocorrido certa predominância de poderes centrados no feminino, quando pesquisadores pioneiros acerca do assunto chegaram a apontar a existência de uma ampla promiscuidade como base da construção de determinados grupos humanos. E talvez a tese mais reconhecida a esse respeito seja a de Johann Bachofen (1815-1887), aqui apresentada pela síntese do também antropólogo Cheik Anta Diop (1923-1986):

Bachofen considera que a humanidade conheceu, em primeiro lugar, uma época de barbárie e de promiscuidade afrodita de tal modo que a filiação só podia ser calculada por meio uma linhagem uterina, sendo incerta qualquer filiação paterna. O casamento não existia. [...] Uma segunda época, dita genocrática, sucede à primeira como consequência lógica desta, a mesma caracteriza-se pelo casamento e pela hegemonia da mulher; continua-se a calcular a filiação pela linhagem uterina, tal como o período precedente. É a verdadeira época do matriarcado, segundo a concepção bachofeniana. O amazonismo é característico desta época. [...] Por último, a terceira etapa distingue-se das outras por uma terceira nova forma de casamento, sob a hegemonia do homem por um imperialismo masculino: é o reino do patriarcado.¹⁵

¹⁴ FAVERIN, Emily et al. Hegemonia do patriarcado numa perspectiva etológica e outros sistemas sociais contemporâneos. *Revista de Psicologia-USP*, São Paulo, n. 33, [n.p.], 2022. [n.p.].

¹⁵ DIOP, 1982. p. 13-14.

Mesmo que haja aí alguma boa vontade por parte de Bachofen, nota-se pela materialidade da sua época que na sua tese subjaz uma maneira de dar ares depreciativos a uma sociedade que tivesse preponderância configurada pelo feminino, como se discutirá mais à frente. Diop, por sua vez, pretende desmontar parte de sua falácia, colocando a África em meio à discussão. Para tanto, o pensador senegalês, já “Supondo que o matriarcado surgiu ao sul [África] e o patriarcado ao norte [Eurásia]”¹⁶, estabelece duas condições mínimas para o surgimento dos modelos em questão. No primeiro estariam os povos de tendência mais sedentária que, por sua vez, teriam como principal fonte de subsistência a agricultura, sendo esta já considerada a grande revolução feminina, “[...] quando a estrutura social é de tal forma que o homem que se casa abandona o seu clã para viver com o da mulher, estamos perante um regime matriarcal”¹⁷ e, como tal:

[...] só neste âmbito é que a mulher pode, apesar da sua inferioridade física, [...] tornar-se o elemento estabilizador enquanto dona de casa, guardiã das provisões [...]; enquanto que o homem se dedicava à caça [...].¹⁸

Num outro polo, estaria o nomadismo, que por sua vez teria como sua principal fonte de subsistência a caça, conforme supracitado, já pelo apuro fisiológico masculino para tal empreitada, a conferir:

Nesta existência que se reduzia a deslocações perpétuas, o papel da mulher era levado estritamente ao mínimo [...]. Excetuando a procriação, o seu papel na sociedade nómada era nulo. É partindo destas considerações que uma nova explicação pode ser tentada, para justificar o destino da mulher na sociedade indo-europeia. Tendo menor valor económico, ela quem abandona seu clã para se juntar ao do seu marido [...].¹⁹

Apesar do carácter menos universalista apresentado por Diop com relação a Bachofen, ambos aceitam de bom tom também a preponderância da religião para a formação dos modelos de sociedade por eles defendidos. Diop, pautando-se no modelo egípcio, aponta

¹⁶ DIOP, 1982, p. 27.

¹⁷ DIOP, 1982, p. 33.

¹⁸ DIOP, 1982, p. 33.

¹⁹ DIOP, 1982, p. 28-29.

para certa centralização de poder pondo em voga o paradigma solar enquanto o ctônico vai perdendo relevância para o advento do firmamento, vide: “[...] é este [firmamento] que alimenta as sementes colocadas no seio da primavera [...]”²⁰. A terra se torna submissa aos céus, ficando ela análoga aos mistérios da fertilidade, tendo isso sido recorrente em praticamente todas as regiões do globo, o que de certa forma viria a ser conhecido futuramente como uma espécie de “arquetipo”: “[...] estruturas básicas e universais da psique, os padrões formais de seus modos de relação são padrões arquetípicos”²¹. Nessa perspectiva, a arqueologia moderna vai encontrar uma larga predominância do comando do homem sobre a mulher, com raríssimas lacunas, a conferir:

De fato, nas antigas culturas, muitas figuras da deusa mãe são encontradas. São pequenas estátuas esculpidas com seus seios à mostra e mulheres grávidas. Tais sociedades caçadoras e coletoras não detinham conhecimento de técnicas agrícolas e de irrigação, estando, assim, sujeitas a todas as intempéries. [...] o ato de dar à luz era tido como um momento sobrenatural durante o qual a mulher se revestia de um poder misterioso. a concepção era um símbolo para todas as forças da vida. a mulher como deusa é sempre referida como “a mãe dos deuses e dos homens”.

[...]

Na mitologia clássica greco-romana, também houve um significativo desenvolvimento das figuras das deusas. Cada aspecto da grande deusa-mãe do Oriente Médio foi retratado como uma figura feminina própria na religião clássica: Ártemis/Diana, a poderosa deusa-virgem caçadora; Deméter/Ceres, a deusa da colheita; Afrodite/Vênus, a deusa do amor e da beleza; Hera/Juno, a deusa-esposa; e outras.²²

Bachofen, por exemplo, perante seu eurocentrismo, “[...] não teve qualquer dificuldade de ver na *Oresteia* a luta do matriarcado com o patriarcado, com o triunfo deste último”²³, quando o

²⁰ DIOP, 1982, p. 19.

²¹ HILLMAN, James. Psicologia arquetípica. São Paulo: Cultrix, 1992. p. 22.

²² CAMPOS, Ludimila C. Piedade popular no Cristianismo: a formação do marianismo na Antiguidade Tardia Popular. RHAA-Unicamp, n. 17, p. 19-28, [s.d.], p. 20.

²³ DIOP, 1982, p. 20.

protagonista da respectiva tragédia grega termina sua saga sob o jugo da deusa Atena, mas que não fortuitamente acaba sendo absolvido por ela de matricídio. Em face disso e de simbolismos semelhantes, tornou-se possível para determinados pensadores elencar que:

Aos poucos surge a ideia de uma geração puramente espiritual, baseada no laço com o pai como algo exclusivo aos seres humanos. Os homens se veem libertos da Natureza, das mulheres e da materialidade da maternidade. Ganha vulto a noção de imortalidade da família, eternamente regenerada pelo recurso à adoção. Na era do direito paterno as mulheres são condenadas a um status totalmente inferior ao dos homens. Por isso, o risco de retorno à ginecocracia está sempre à espreita, na forma de sublevações dionisíacas.²⁴

Diante da consumação do patriarcado e ainda a propósito da influência clássica na respectiva temática, vale salientar que os primeiros transcritos para o ocidente das *Escrituras Sagradas* foram feitos também em grego; posteriormente, latim; até chegar às línguas neolatinas por meio da expansão católica e, depois, às germânicas e anglo-saxônicas, vide revolução protestante. Nesse percurso, basicamente tudo numa produção feita por homens para homens, quando em determinado íterim houve a oficialização do Cristianismo pelo Estado, tornando-o um projeto de poder, como atestado aqui: “Constantino foi um príncipe cristão de uma astúcia excepcional, que tinha em mente um projeto maior, mesclando piedade e poder: construir uma sociedade cristã e, por conseguinte, um império político e religioso [...]”.²⁵

Ainda assim, a ascensão e consolidação do Cristianismo não foi algo retilíneo e, entre monoteísmos e monolatrias, houve uma significativa sublevação de dicção feminina, ainda sob a égide da “grande deusa”, com certa proeminência que foi o culto a Maria ou Marianismo, criando algum embaraço para o estamento patriarcal de então:

O crescimento da devoção mariana nos séculos 2, 3, 4 e 5 provocou conflitos culturais na *ekklesia*, pois, para muitos, certas atitudes de piedade a Maria extrapolavam a fronteira doutrinária e litúrgica,

²⁴ GUERRA, Lolita G. Pequeno Histórico do “matriarcado” como hipótese para interpretação da Pré-História. *Mare Nostrum*, v. 12, n. 1, p. 01-25, 2021. p. 08-09.

²⁵ VEYNE, Paul apud ALENCAR, Breno. Um sonho imperial: Constantino e a invenção do cristianismo. *Rev. bras. Ci. Soc.*, [s.l.], v. 27, n. 79, [n. p.], 2012. [n.p.].

apregoadas pelas autoridades eclesiásticas. Epifânio de Salamina, por exemplo, que havia sido monge antes de se tornar bispo, apesar de reprovar os excessos na devoção a Maria, valorizava-a e acreditava em sua virgindade perpétua. Assim, o crescimento da importância e da glorificação de Maria no nível doutrinal-litúrgico, em um impulso a favor da domesticação do culto, vai ser responsável pela intensificação, nos séculos 4 e 5, dos debates, em especial no Concílio de Éfeso, no qual os bispos Nestório, de Constantinopla, e Cirilo, de Alexandria, vão travar um duro embate.²⁶

Talvez nem precisasse dizer que, como tal, isso foi amplamente perseguido pela Santa Inquisição, também como no geral as mulheres, estigmatizadas como bruxas. Com o advento da Reforma Protestante, a preponderância masculina ganha outros contornos. Contudo, será na subsequência das teorias iluministas que a luta pela emancipação feminina chegará a algum termo, quando oriundas da própria saturação do patriarcado serão elencadas determinadas críticas a ele, apostando-se que se este diferente fosse poder-se-ia chegar a uma sociedade mais justa, sobretudo para as mulheres. Não fortuitamente foi Frederick Engels, contemporâneo de Bachofen, um dos primeiros a contestá-lo sobre a origem do patriarcado:

[...] Apesar de sua admiração por Bachofen, Engels considerou sua ênfase na religião como motor da História um equívoco que pendia ao misticismo. Por isso, ele propôs uma leitura materialista da teoria, pertinente à crítica do capitalismo e à reorganização da sociedade e, para isso, privilegiou diferentes objetos (a família, a propriedade privada e o Estado).²⁷

Há de se lembrar que a tese de Engels trata da permanência de um patriarcado dentro de uma deflagrada Revolução Industrial; ou seja, num incipiente Capitalismo. Em todo o caso, quanto aos segmentos religiosos ainda vigentes à época, a situação da mulher diante da tradição católica havia mudado pouca coisa, em relação à preponderância masculina e seu respectivo celibato para coibir uma prole eclesiástica ou um simultâneo claustro para a iniciação feminina ao meio. Assim, não sendo tal união oficializada, nada que viesse acontecer a respeito poderia ser de responsabilidade da instituição em

²⁶ CAMPOS, [s.d.], p. 26.

²⁷ GUERRA, 2021, p. 10-11.

questão. Sobre tal aspecto, no contexto brasileiro seguiu-se o seguinte:

[...] para os serviços gerais do estabelecimento, o colégio-seminário dispunha de escravos. De fato, nos conventos e recolhimentos era costume que meninas, mulheres e moças ricas fossem reclusas acompanhadas de escravas ou servas para servi-las em seus cuidados pessoais. Prática existente, por exemplo, no Convento da Soledade na Bahia. Já no século XIX, nos programas e/ou estatutos de colégios-internatos, consignava-se a informação de que os pensionistas não teriam contato com os serviços do internato e que estes residiam em casa separada. Esta era uma medida comumente presente na literatura pedagógica moderna, preocupada com possíveis influências nocivas e com a modéstia das crianças e adolescentes.²⁸

No patamar protestante, mudou mais significativamente porque mais recentemente chegadas da Europa, aquelas mulheres com famílias mais remediadas tiveram um maior acesso à educação formal, podendo inclusive elas interferirem na própria hermenêutica litúrgica. Isso, até por terem o casamento de seus líderes religiosos e manutenção da prole junto a estes como direito adquirido e porque já havia no contexto europeu uma grande simbiose entre o protestantismo e a ascensão burguesa.²⁹

Simultâneo a isso, mas no campo acadêmico, o mito da “Grande Deusa” já havia feito seu encantamento, pois para os e as ali iniciadas nele:

A restauração do matriarcado estabeleceria um mundo sem conflitos ou contradições, de relações baseadas no afeto, no altruísmo e no cuidado mútuo. O futuro traria o fim das desigualdades sociais e a felicidade generalizada. Para dar início a essa transformação social, as mulheres precisariam conhecer sua história oculta: o passado matriarcal.³⁰

²⁸ CONCEIÇÃO, Joaquim T. Princípio do internato escolar: primórdios, práticas e permanências no Brasil. *Interfaces Científicas: Educação*, [s.l.], v. 7, n. 2, p. 107-120, 2019. p. 113.

²⁹ O prussiano Max Weber (1864-1920), autor de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, publicado em 1904, sendo assim um dos primeiros e mais incisivos estudiosos acerca da relação do sistema econômico vigente com determinado segmento religioso

³⁰ GUERRA, 2021, p. 18.

Mito porque, segundo a própria autora da citação acima, “[...] a ideia do matriarcado pré-histórico se assenta em noções abstratas e universalizantes sobre uma suposta natureza distinta e o papel maternal das mulheres”³¹, quando:

[...] deveria questionar as fundações ontológicas de suas narrativas, reforçadoras de dualismos entre natureza e cultura, entre corpo e mente e entre emoção e razão. [...] trata-se de um movimento reacionário, em oposição aos princípios feministas e que reafirma os papéis sociais do patriarcado. O passado matriarcal em uso pelo movimento é de grave perigo político.³²

A realidade é que, desde então, dentro ou fora da religião, tornou-se inevitável a presença da mulher no mercado de trabalho e, assim, elas nunca deixaram de desagregar funções tradicionalmente convencionadas como inerentes ao gênero: filha, mãe, esposa e cuidadora, quando não direcionadas a profissões que fazem jus a isso: tudo num acúmulo permanente de tarefas que as remete a lugares de submissão; senão pela dita ordem das coisas, pela coerção. Portanto, embora o próprio sistema exija uma compleição familiar da qual todos estejam aptos para uma vida financeiramente produtiva para manutenção da família e da sociedade, por exemplo, os cuidados específicos para a saúde física e moral da prole estão muito mais voltados para a mulher que para o homem, podendo este disso, inclusive, eximir-se desde que diga garantir relativo padrão social para os envolvidos:

[...] a reforma da indústria acabou realocando as mulheres no lar, como manobra para criar uma força de trabalho mais disciplinada, útil e produtiva, com o público feminino cuidando das crianças e, assim, evitando, também, mortes e acidentes. A mudança tecnológica do têxtil para o aço forjou uma mão de obra, majoritariamente, masculina. Criou-se a dona de casa proletária, fenômeno acelerado pelo fordismo, num novo regime patriarcal, dependente do salário dos maridos.³³

³¹ GUERRA, 2021, p. 19.

³² GUERRA, 2021, p. 19.

³³ BASTOS, Lilean. O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo [resenha]. *Germinal: marxismo e educação em debate*, Salvador, v. 14, n. 3, p. 634-638, 2022. p. 636.

Atualmente, vide certa falência daquilo que a sociedade patriarcal cunhou como Estado de Bem-Estar Social³⁴, o que se vê é um recrudescimento do poder centralizado para manutenção de determinados privilégios, sobretudo para homens cis, brancos, héteros e ricos(!), como algo cuja consequência tem implicado em tamanhos retrocessos para demais segmentos. No caso específico das mulheres e do Brasil, tem-se como sintoma uma forte aversão posta pelo mercado de trabalho, principalmente quando mãe, ou, de quando há adesão, com menores salários e maiores exigências. Frente às relações pessoais, familiares, elas vivem acompanhadas por uma constante ação misógina que muitas vezes descamba para agressões psicológicas e físicas, vide o nosso alto percentual de feminicídios. Em suma: a mulher é um dos principais bodes-expiatórios desde o princípio daquilo que se acostumou chamar de civilização e cada vez mais também a natureza, enquanto a testosterona do progressismo der o tom, pois, como se constata:

O aquecimento climático também atinge as mulheres em primeiro lugar: a inferioridade da sua condição e dos seus diferentes papéis sociais aumenta sua vulnerabilidade aos desastres – tempestades, incêndios, enchentes, secas, ondas de calor, doenças e penúrias alimentares. Todo ano, segundo um relatório da Women's Environmental Network (WEN – Rede Ambiental das Mulheres), uma organização baseada no Reino Unido, mais de 10 mil mulheres morrem em desastres relacionados à mudança do clima, contra 4.500 homens. As mulheres representam 80% dos refugiados de catástrofes naturais; dos 26 milhões de pessoas que perderam sua habitação e seus meios de sobrevivência em razão da mudança climática, 20 milhões são mulheres.³⁵

Conclusão

Muito se aposta, antropológicamente, na construção do jogo e da competição como pactos centrados para consolidação dos ritos de passagem de quase todas as sociedades. Em todo o caso, numa leitura com tendências dogmáticas, podem ser encontradas interpretações

34 NAGAMINE, Lucas. Estado de bem estar social e Estado liberal: qual a diferença? politize!, [s.l.], 2017. [n.p.].

35 BIEHL, 2011, [n.p.].

mais voltadas às interdições de tais práticas, pois estariam elas voltadas ao engano e a perdição do espírito: o que também está muitas vezes relacionado à perda do siso masculino frente aos encantos femininos. Isso pode levar a pensar que é inerente à mulher os artifícios da sedução e, assim, para colocar o homem sempre em desvantagem quanto ao controle do próprio caráter ou das características normativas impostas por ele, mas nem ou quase nunca cumpridas pelo próprio, ficando a pecha da dissimulação para a mulher.

Também como imemoriais se apresentam as intersecções entre a mulher e a natureza, com seus devidos interditos, pois o homem se divide entre o virtuoso e o racional, permanecendo a fatura da antonímia para aquelas. Hoje, num mundo cada vez mais automatizado, aquilo que por muitos e há muito tempo podia ser considerado como uma das suas maiores virtudes, descaracterizada a dor do parto como castigo, passou a ser um problema e o excedente tanto no meio ambiente como no chão das fábricas precisou ser de instrumentalizado a aniquilado. O jogo hoje se estabelece entre quem vive e quem morre. Como a desesperança abraça primeiro os menos privilegiados economicamente, as apostas deixam de ser exceção e a sociedade passa a viver um cada vez mais permanente *Round 6*, num *streaming* cada vez mais perto de você, em que brincadeiras outrora infantis agora são transformadas num sádico *reality show*³⁶, quando um grupo de pessoas passando por dificuldades financeiras aceita um estranho convite para um jogo de sobrevivência. Um prêmio bilionário os aguarda, mas as apostas são altas e mortais. Nisso, a corda sempre arrebenta primeiro e com mais intensidade no cume das alteridades, como a daqui em questão pautada na dimensão gênero.

Referências

BASTOS, Lilean. O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo [resenha]. *Germinal: marxismo e educação em debate*, Salvador, v. 14, n. 3, p. 634-638, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/51563/28316>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

BÍBLIA Sagrada: revista e corrigida. Trad. João Ferreira de Almeida. Várzea Paulista: Casa Publicadora Paulista, 2020.

36 DONG-HYUK, Hwang. *Squid Games*. Coreia do Sul: Netflix, 2021.

BIEHL, Janet. A mulher e a natureza: uma mística recorrente. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Ecofeminismo. 2011. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/a-mulher-e-a-natureza-uma-mistica-recorrente/>>. Acesso em: 13 nov. 2025.

CAMPOS, Ludimila C. Piedade popular no Cristianismo: a formação do marianismo na Antiguidade Tardia Popular. *RHAA-Unicamp*, n. 17, p. 19-28, [s.d.]. Disponível em: <<https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/rhac/article/view/15290>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

CAVALCANTI, Guilherme. Bets: Entre 1,8 e 3 milhões apostaram Bolsa Família, e não têm previsão de reaver dinheiro. *Agência Pública*, 2025. Disponível em: <<https://apublica.org/nota/bets-entre-18-e-3-milhoes-apostaram-bolsa-familia-e-nao-tem-previsao-de-reaver-dinheiro/>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

CONCEIÇÃO, Joaquim T. Princípio do internato escolar: primórdios, práticas e permanências no Brasil. *Interfaces Científicas: Educação*, [s.l.], v. 7, n. 2, p. 107-120, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/4345>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

COSTA, Amarilis. A CPI das Bets e o espetáculo da inocência branca. *Congresso Em Foco*, 2025. Disponível em: <<https://www.congressoemfoco.com.br/artigo/108699/a-cpi-das-bets-e-o-espetaculo-da-inocencia-branca>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

DIOP, Cheikh Anta. A unidade cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na Antiguidade Clássica. *Ramada: Edições Pedago*, 1982.

FAVERIN, Emily; CORRÊA, Rafael; CAROZA, Renata; LIMA, Francisco de. Hegemonia do patriarcado numa perspectiva etológica e outros sistemas sociais contemporâneos. *Revista de Psicologia-USP*, São Paulo, n. 33, [n.p.], 2022. Disponível em: <<https://share.google/1yrNBhTzRai21s9ao>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

GALENI, Luís Alfredo. Necropolítica e agronegócio. *Le Monde Diplomatique Brasil: Meio Ambiente*, Edição 215, 2025. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/necropolitica-e-agronegocio/>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

GUERRA, Lolita G. Pequeno Histórico do “matriarcado” como hipótese para interpretação da Pré-História. *Mare Nostrum*, v. 12, n. 1, p. 01-25, 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/350368163_Pequeno_historico_do_'matriarcado'_como_hipotese_para_a_interpretacao_da_pre-historia>. Acesso em: 28 jun. 2025.

HILLMAN, James. *Psicologia arquetípica*. São Paulo: Cultrix, 1992.

NAGAMINE, Lucas. Estado de bem estar social e Estado liberal: qual a diferença? *politize!*, [s.l.], [n.p.], 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/estado-de-bem-estar-social-e-estado-liberal-diferenca/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

SANTANA, Luciana. Mulheres, Mansplaining e a Realpolitik no Brasil. *Congresso Em Foco*, 2025. Disponível em: <https://www.congressoemfoco.com.br/coluna/109110/mulheres-mansplaining-e-a-realpolitik-no-brasil>. Acesso em: 28 jun. 2025.

DONG-HYUK, Hwang. *Squid Games*. Coreia do Sul: Netflix, 2021. (série de TV: 3 Temporadas)

VASQUEZ, Vítor. Existe mesmo uma bancada evangélica. *Congresso Em Foco*, 2024. [online]. Disponível em: <<https://www.congressoemfoco.com.br/coluna/6795/existe-mesmo-uma-bancada-evangelica>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

VEYNE, Paul apud ALENCAR, Breno. Um sonho imperial: Constantino e a invenção do cristianismo. *Rev. bras. Ci. Soc.*, [s.l.], v. 27, n. 79, [n. p.], 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/262615406_Um_sonho_o_imperial_Constantino_e_a_invencao_do_cristianismo>. Acesso em: 28 jun. 2025.